



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA ESPANHOLA**

CARLOS AURELIO FELIX DOS SANTOS

HERNÁN CORTÉS: A CONQUISTA DO MÉXICO

**CAMPINA GRANDE
2022**

CARLOS AURELIO FELIX DOS SANTOS

HERNÁN CORTÉS: A CONQUISTA DO MÉXICO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Língua Espanhola – da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito Parcial à conclusão do curso.

Área de concentração: literatura hispanoamericana

Orientador: Prof. Me. Alessandro Giordano.

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237h Santos, Carlos Aurelio Felix dos.
Hernán Cortés [manuscrito] : a conquista do México /
Carlos Aurelio Felix dos Santos. - 2022.
22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Prof. Me. Alessandro Giordano ,
Coordenação do Curso de Letras Espanhol - CEDUC."

1. Navegação marítima. 2. Civilização. 3. Crônicas. 4.
Gênero literário. I. Título

21. ed. CDD 808.8

CARLOS AURELIO FELIX DOS SANTOS

HERNÁN CORTÉS: A CONQUISTA DO MÉXICO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Língua Espanhola – da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito Parcial à conclusão do curso.

Área de concentração: Língua Espanhola

Aprovado em: 13/12/2022.

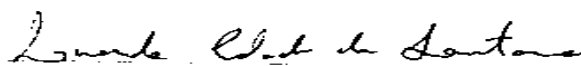
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Alessandro Giordano (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. Kaio César Pinheiro da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Luanda Calado de Santana
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	4
2 LITERATURA: ORIGEM E IMPORTÂNCIA	5
3 CRÔNICA: UM GÊNERO LITERÁRIO EM DISCUSSÃO.....	6
4 CRÔNICAS DE ÍNDIAS.....	7
5 BIOGRAFIA DE HERNÁN CORTÉS.....	9
6 A CONQUISTA DO IMPÉRIO ASTECA.....	10
6.1 La noche triste.....	16
6.2 A volta para a Espanha e o declínio de Hernán Cortés.....	18
7 CONCLUSÃO.....	19
REFERÊNCIAS.....	20

HERNÁN CORTÉS: A CONQUISTA DO MÉXICO

Carlos Aurélio Felix dos Santos

RESUMO

Como as grandes navegações marítimas em busca de novos territórios, vieram consigo um gênero literário as crônicas de índias que tinha como objetivo relata o que acontecia durante navegações uma forma autobiográfica de relata os fatos daquela época, durante essas expedições sugeriram grandes conquistadores um deles em especial, Hernán Cortes foi um grande desbravado que buscava riqueza e prestígio queria ser um grande navegador, durante suas expedições soube que havia umas terras ainda a ser exploradas pela coroa, após chegar a essas terras ele se depara com uma civilização bastante evoluída conhecida como astecas logo ele decide conquista a este império após domina Tenochtitlán, e logo declara que aquele império pertence a coroa espanhola.

Palavras clave: Navegações. Civilização. Tenochtitlán.

RESUMEN

Como las grandes navegaciones marítimas en busca de nuevos territorios, vinieron con un género literario las crónicas de indias que tenía como objetivo relata lo que ocurría durante las navegaciones una forma autobiográfica de relata los hechos de aquella época, durante esas expediciones sugirieron grandes conquistadores uno de ellos en especial, Hernán Cortes fue un gran conquistador que buscaba riqueza y prestigio quería ser un gran navegante, durante sus expediciones supe que había unas tierras aún por explorar por la corona, después de llegar a esas tierras se enfrenta a una civilización bastante evolucionada conocida como aztecas pronto decide conquistar este imperio después de domina Tenochtitlán, y pronto declara que ese imperio pertenece a la corona española.

Palabras clave: Navegaciones. Civilización. Tenochtitlán.

1 INTRODUÇÃO

Hernán Cortés se tornou um dos mais conhecidos protagonistas das expedições espanholas no período que ocorriam as expansões e descobertas de novos territórios por meio de navegações marítimas, em um período conhecido e chamado por conquista da América. Nas diversas obras em formatos de livros, bem como nas pesquisas e trabalhos já publicados sobre essa figura, observa-se que as opiniões se dividem entre os pesquisadores de sua jornada, Hernán Cortés foi por um lado muito amado e aclamado e por conta de seus feitos muito adjetivos lhes foram dados, alguns historiadores que levantaram sua biografia o aclamavam como estrategista, piedoso, herói, recebendo inclusive o codinome de O Conquistador, como é conhecido em grande parte dos estudos da literatura; no entanto, por outro lado tende a ser odiado por críticos que lhe define como manipulador, sanguinário e cruel.

No estudo da história e literatura espanhola, em especial nos cursos que tem como bases o estudo e ensino de literaturas e letras de outras línguas, passar pela biografia, pelas crônicas e pela história de conquistas encabeçadas por Hernán Cortés é imprescindível. Ele faz parte da história da conquista da América, período que marca uma série de divisões não apenas geográficas, mas também políticas e sociais. Justifica-se a importância e escolha do tema primeiramente pela importância histórica das conquistas de Hernán Cortés e em segundo plano pela importância da compreensão de sua historiografia para os estudos da literatura espanhola.

De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT, 2018) há dois tipos de artigos possíveis para se desenvolver, um é artigo original, que é aquele caracterizado por advir de uma pesquisa original; o segundo tipo é o artigo de revisão, o qual se caracteriza por ter como propósito principal levantar informações sobre a temática escolhida, analisando e discutindo informações que já foram publicadas em obras anteriores, como livros, revistas e outros artigos científicos. Este artigo se caracteriza como o segundo tipo, um artigo de revisão. Foi feita uma revisão de tipo integrativa de literatura, que é uma revisão com a finalidade de compendiar, ou seja, sintetizar os resultados obtidos em outras pesquisas.

Portanto, este artigo tem como objetivo principal realizar um levantamento da biografia e da história de Hernán Cortés, bem como reunir as histórias de conquista feitas por ele, passando por algumas crônicas e por eventos importantes, por suas conquistas junto do Império Asteca, pela Noite Triste e por fim pelo retorno à Espanha e seu posterior declínio. Objetiva-se assim, descrever e entender os diversos acontecimentos entorno da figura espanhola que ficou conhecido como O Conquistador.

O artigo se subdivide em quatro sessões primárias, a primeira traz considerações sobre a literatura espanhola, conversando um pouco sobre a literatura espanhola de modo mais geral; a segunda sessão adentra na temática trazendo um resumo biográfico de Hernán Cortés; a terceira sessão versa sobre as conquistas e crônicas da figura principal, onde serão levantados os dados em outros trabalhos já publicados sobre as experiências de conquista junto do Império Asteca, as crônicas das índias e a invasão da ilha de Cuba e sobre a Noite Triste; por fim a quarta e última sessão aborda o retorno de Hernán Cortés para a Espanha e seu posterior declínio. O artigo finaliza com uma breve parte conclusiva, que remonta o que foi discutido durante o desenvolvimento principal.

2 LITERATURA: ORIGEM E IMPORTÂNCIA

De acordo com Caldin (2003) a literatura tem como seu papel ser uma instituição social, uma vez que ela se utiliza da linguagem enquanto uma forma de comunicação, a linguagem por sua vez é uma criação social. É possível ainda observar que o conteúdo que a literatura oferece, cria e recria, é um conteúdo social. Exercem ainda o papel de um poderoso instrumento de mobilização social.

A literatura é instalada na época do Romantismo, serve inicialmente de legitimação para a classe burguesa. Caldin (2003) leva a questionar o modo como nasce a atenção à leitura e literatura, que decorre da necessidade da burguesia de expandir o conhecimento, não restringindo mais apenas as classes privilegiadas.

Ler, segundo Caldin (2003, p.7) é uma “atividade de questionamento, conscientização e libertação”. Questiona-se se a sociedade acolhe leitores críticos, observadores, transformadores e se a distribuição de livros acontece de forma democrática e acessível a todos.

Quando o ensino passa a se tornar obrigatório aos menos favorecidos. Observa-se que até os períodos do século XIX, a leitura era um privilégio de uma minoria de pessoas. Já no século XX e XXI ela passa a ser mais acessível. De acordo com Caldin (2003) ainda é mal compartilhada, porém é um direito de todos.

A dimensão social da literatura repercute nos dias atuais. As novas escrituras, a nova literatura, influencia o público com a intenção de modificar os comportamentos, reforçando valores a serem seguidos (CALDIN, 2003). Para melhor entendimento, a autora retrata que:

A função social da literatura é facilitar ao homem compreender – e, assim, emancipar-se - dos dogmas que a sociedade lhe impõe. Isso é possível pela reflexão crítica e pelo questionamento proporcionados pela leitura. Se a sociedade buscar a formação de um novo homem, terá de se concentrar na infância para atingir esse objetivo (CALDIN, 2003, p. 6).

Assim, a leitura pode e vai se constituindo como um fator que propicia a liberdade, bem como a transformação interna das pessoas. Ler textos escritos é uma grande conquista da humanidade. Os símbolos e signos que formam as palavras foram gradativamente conquistados pela humanidade. É pela leitura que os seres humanos obtêm grande parte do conhecimento que rege a vida, que transforma os processos aperfeiçoados e contínuos aprendizados (CALDIN, 2003).

É importante ressaltar, segundo Caldin (2003) que a leitura e a literatura estão ligadas a instituições muito importantes como a escola e as bibliotecas, a sociedade como um todo também está interligada com essas instituições. A cultura e o conhecimento dependem delas também.

A autora ainda chama atenção para a responsabilidade social que as escolas têm, uma vez que “a biblioteca escolar é o local por excelência para apresentar a leitura como uma atividade natural e prazerosa, posto que, para muitas crianças, configura-se como a única oportunidade de ter acesso aos livros que não são didáticos” (CALDIN, 2003, p. 9).

O conhecimento impresso disponível faz com que a literatura tenha como função e papel o desenvolvimento de um espírito analítico e crítico, que não aconteceria, se não houvesse a oportunidade de leitura. Por fim, é necessário introjetar que a literatura tem uma dimensão social, pois “provoca, enriquece e encaminha à reflexão” (CALDIN, 2003, p.11).

3 CRÔNICA: UM GÊNERO LITERÁRIO EM DISCUSSÃO

De acordo com Lima (2014), a terminologia crônica diz respeito a ideia do conceito de tempo em grego, que é referente uma estrutura que seja organizada de uma forma cronológica e concatenada, além de linear. A principal finalidade é “expor eventos passados dignos de memória” (*idem*, p.246). A origem da palavra crônica é incerta, de acordo com a autora, e presume-se que o primeiro texto que remete a essa forma de escrita é o *Chronicon Pascale*, que tem as datas de sua escritura entre os séculos III e VII depois de Cristo.

A crônica se consagrou como um gênero literário por volta dos séculos IX e XIV. Desenvolve-se com Fernão Lopes em Portugal, quando fora encarregado de escrever um relato acerca da história portuguesa e toma seguimento com Gomes Eanes de Zurara e Rui de Pina. Foram esses os cronistas responsáveis por “inventar” as tradições da nova dinastia de Avis. Na Espanha, por sua vez, as crônicas passaram a ser caracterizadas pela escrita de narrativas de vida de monarcas ou de personagens que são ou foram ilustres. Nessas crônicas as histórias são misturadas às lendas e cânticos. Logo após apareceram crônicas semelhantes (LIMA, 2014).

Ao longo da Idade Média as crônicas na América floresceram. Com características próprias e que diferenciavam das crônicas medievais. As circunstâncias que fizeram crescer as crônicas na América foi o descobrimento do novo continente, que torna possível a escrita dos relatos das viagens feitas pelos europeus. Visavam exclusivamente informar os europeus acerca das terras que seriam conquistadas (LIMA, 2014).

A denominação que granaram foi de Crônicas de Índias. Essa nomenclatura se deu devido aos diários de viagem que começaram através de Cristóvão Colombo em 1492. Essas crônicas são um conjunto de textos variados acerca das conquistas, explorações e colonização do Novo Mundo. Os documentos que agrupam as crônicas podem ser de diferentes tipos, como “as informações de serviços, as cartas, diários e relações” (LIMA, 2014, p.248). O termo crônicas é utilizado para designar uma gama ampla de textos. Diversas vezes utiliza-se esse termo para falar de relações e cartas entre os navegantes, como será compreendido adiante.

Eram comumente escritas por algum escrivão das navegações, no entanto, em sua maioria, os homens que escreviam as cartas e relações não eram cronistas profissionais, mas sim os próprios capitães navegantes. No entanto, por vezes trocavam as espadas pela pena de escrita e se aventuravam a relatar as impressões e os feitos dentro do Novo Mundo (LIMA, 2014).

De acordo com Lima (2014, p.250):

(...) aqueles que alcançaram as letras, em sua maioria, também não possuíam uma bagagem cultural muito elevada, apenas sabiam ler e escrever. Além disso, seus textos refletem as condições pelas quais passavam, ou seja, a troca da espada pela pena se dava de modo circunstancial e por diferentes motivações.

As cartas eram escritas por conquistadores que dirigiam as embarcações, destinadas aos reis e superiores, para informar sobre os processos de descobrimento, sobre as novas culturas descobertas, sobre os costumes, valores e crenças, na descoberta de novas formas de viver. As crônicas, são consideradas literatura por compreenderem um dos principais objetivos da literatura, como dito anteriormente em respeito a função social da leitura e literatura, a de fazer questionar, conscientizar

e libertar (CALDIN, 2003). As crônicas são informativas, um gênero que carrega histórias, lendas e informações capazes de transformar socialmente o ser humano.

4 CRÔNICAS DE ÍNDIAS

A história da conquista do México, que foi chamado de Novo Mundo, é escrita em diversos documentos que contam não somente sobre a conquista, mas também outras óticas como a colonização e a exploração. Tais documentos são chamados de Crônicas das Índias, aparecem em várias formas de texto, como cartas, relatórios, cartografias e crônicas. Alguns são produzidos pelos europeus, por espanhóis e outros pelos próprios indígenas e mestiços (PORTUGAL, 2015).

Em relação às crônicas espanholas, pode-se compreender através de Portugal (2015) que estas têm uma dimensão literária e ideológica. São basicamente um reflexo mesclado do pensamento renascentista com traços medievais. Nelas, a tentativa dos cronistas é assimilar a realidade do Novo Mundo. Muitos desses cronistas espanhóis embarcavam nas expedições marítimas que eram financiadas pelos setores privados. Por vezes, quem financiava as expedições exigia como uma obrigatoriedade que o capitão da expedição realizasse os relatos em forma de crônicas para os reis espanhóis, nos relatos os escritos eram em suma sobre as terras descobertas e as atividades realizadas. Mas, os documentos também eram realizados por vontade própria, como forma de entender, conhecer e documentar o Novo Mundo, os voluntários que realizaram esse trabalho tinham a intenção de mudar uma situação econômica pessoal, esperavam receber méritos da coroa devido a tais feitos.

Aos que realizavam os escritos documentais por conta própria, sem a obrigatoriedade exigida por algum rei, a honra era o objetivo principal. Para os espanhóis, ter uma boa reputação era de grande importância, até mais que a própria realidade. Para tanto, muitos escritores redigiam os próprios feitos de maneira a enaltecer a si mesmo, em um gênero literário conhecido como "*probanza de mérito*". Hernán Cortés e sua obra é um exemplo claro deste gênero, sempre enaltecendo seus feitos e desenhando sua figura como vencedor e conquistador (PORTUGAL, 2015).

As Crônicas das Índias são uma forma de testemunho de um encontro de culturas, neste caso, da cultura espanhola e de determinada forma geral, europeia, com as culturas indígenas que se encontravam na América do Novo Mundo. Esses encontros ou desencontros de culturas tiveram influência para mudar o curso das histórias desses polos culturais, um dos marcos foi o cruzamento cultural do início do século XVI. Os povos conquistados enxergavam tal conquista como um despojo de seus meios de produção, impossibilitando de, a partir de então, voltar a organizar sua cultura a seu próprio modo. A conquista do Novo Mundo causou a desarticulação de estruturas e costumes. Os espanhóis, por sua vez, descreviam o universo americano através de uma visão etnocêntrica, ou seja, através de suas lentes e olhares, escreviam as crônicas e relatos sempre a partir de seus juízos de valores já preestabelecidos, sempre em comparação com seus próprios valores e costumes, o que os impedia de enxergar o real caráter das instituições locais. Os povos dominados, passaram por um processo de aculturação, entre adaptações e resistências (PORTUGAL, 2015).

O que acontecia dessa relação de encontros e desencontro entre culturas era uma mescla de costumes e valores. Na maioria das vezes, os povos dominados acabavam por adotar e adaptar seus traços culturais dentro da cultura dominante. Portugal (2015) relata que foi isso que aconteceu em relação aos grupos étnicos americanos, inclusive os povos do Novo Mundo, em processos de interação recíproca,

mas também de rupturas, caracterizando um contexto de conquista, mas também de imposição política e cultural. No entanto, ao examinar algumas crônicas, relatos ou documentos do período, é possível perceber que a fusão cultural que resulta no predomínio de uma cultura sobre outra é um acontecimento usual e comum, por vezes, esse processo é demorado e acontece com inconstâncias da seleção de alguns elementos culturais, o completo repúdio de outros ou modificação dos demais. A mesclagem que é resultante é sempre complexa e de difícil interpretação. Os grupos étnicos americanos modificaram fortemente seus valores e suas tradições frente aos grupos ocidentais europeus, isso só é possível compreender através de algumas crônicas que foram importantes produtos do período colonial. Abaixo seguem alguns exemplos:

O cronista de nome Cieza de León teve seus escritos fundamental importância para a compreensão do *ayllu*, que era um sistema de parentesco andino. Após a chegada dos espanhóis, o sistema foi transformado em uma estrutura que tinha uma conotação territorial. O cronista Cieza foi um soldado do período inicial da conquista dos espanhóis, naquela época eram raros os soldados que dominavam a língua *quéchua*, no entanto, ele tinha um senso de curiosidade aguçada, e transpôs seus limites e barreiras linguísticas para a compreensão do sistema de parentesco e de sua transformação. Cieza de León falou sobre a genealogia dos incas, que era fundada em linhagens, que era como os cronistas da época chamavam e se referiam aos povos ligados por laços de parentesco (PORTUGAL, 2015).

Outro cronista importante da época foi Juan de Matienzo, que levantou informações sobre os *pueblos*, índios e caciques, com a intenção de compreendê-los para serem reagrupados e doutrinados, para que produzissem. Afinal, a preocupação na época era entender a organização dos povos para usá-los como força de trabalho. Matienzo era espanhol, trabalhava como jurista e escreveu sua crônica na sétima década do século XVI. Tinha muito conhecimento e experiência com legislação castelhana e com isso tornou-se um perspicaz observador. A obra de sua crônica é um acúmulo de julgamentos e observações pessoais, com um início conturbado, onde acusava os incas de serem tiranos. Com essas acusações, que ele comprovava dizendo sobre os sacrifícios dos incas com animais e crianças, Matienzo quis legitimar a conquista espanhola. Em sua crônica, sua narrativa era de que os índios eram “*pusilánimes y tímidos*”, sem responsabilidades, sem honra; usando essa justificativa para dizer que eles nasciam para servir e não para pensar. Mais adiante em sua crônica, Matienzo recomendou que algumas leis dessem aos índios salários em suas contratações, que fossem pagos diretamente a eles, alegando que os chefes e caciques os enganavam.

Assim, é possível compreender que as crônicas são documentos, textos, cartas, registros e testemunhos que são resultados dos processos de interação de culturas. Os processos de alteridade, de conhecimento do outro frente aos próprios costumes e valores, representam as práticas culturais do século XVI, onde grupos étnicos foram forçados a alterar seus modos de vida quando eram conquistados ou tomados por outros povos. No entanto, não significa com isso que alguns povos apenas se submeteram aos espanhóis, há também alguns cronistas indígenas que em seus discursos e narrativas tem uma representação de seus mundos de acordo com suas necessidades de sobrevivência. Portugal (2015) cita como alguns exemplos de cronistas indígenas: Titu Cusi (1570), Garcilaso de la Vega (1609) e Guaman Poma de Ayala (1615).

As Crônicas das Índias são resultados das práticas de mesclagem cultural do período colonial, expressando os processos de adaptação, confluência ou resistência dos povos, em especial fornecem representações, discursos e narrativas da conquista

da América. As Crônicas das Índias refletem discursos diversos de fronteiras interculturais, processos de alteridade e ocidentalização, dos mundos indígenas, do universo e discursos espanhóis e com isso, mostram as realidades através de crônicas escritas pelos dois povos culturais (PORTUGAL, 2015).

5 BIOGRAFÍA DE HERNÁN CORTÉS

Em um humilde povoado espanhol conhecido por nome Medellín, localizado na Estremadura na Espanha, nasceu Hernán Cortés de Monroy no ano de 1485. Permaneceu parte da infância e início da adolescência no mesmo povoado. Era filho de pais que tinham origem aristocrática, no entanto eram humildes e pobres. Aos 14 anos de idade, Cortés foi encaminhado para a Universidade de Salamanca. A ida à universidade tinha o propósito de sua formação no curso de Direito, porém esta experiência foi de curta duração, chegando a pouco menos que dois anos.

Figura 1 - Imagem de Hernán Cortéz



Fonte: https://www.ebiografia.com/hernan_cortez/

A época de sua estadia em Salamanca fora uma era promissora no que diz respeito aos descobrimentos de novos territórios e de novos mundos. O período a partir dos anos 1500 (não se sabe quando exatamente se encerram explorações) foi marcado por expedições marítimas em buscas de novos territórios ainda não conhecidos pelos povos europeus, a título de contextualização, foi inclusive neste exato período que ocorreram as expedições que chegaram às terras brasileiras. Hernán Cortés, movido pelo desejo de riquezas e aventuras, como os expedicionários e aventureiros daquele período, decidiu se associar e se engajar com tais expedições (FRAZÃO, 2020).

A primeira expedição escolhida por Hernán Cortés para iniciar sua jornada de futuras conquistas foi uma expedição às Índias, comandada por Dom Frey Ovando. No entanto, quando tudo estava programado para o embarque que aconteceria em Sevilha no ano de 1501, Cortés sofre um acidente às vésperas da saída da expedição, dessa vez movido pela paixão, ao tentar escalar um muro para ver uma amada proibida, o então futuro navegador foi impedido de continuar os planos de imediato, o acidente lhe custou alguns meses de cama (LEVY, 2012).

Após o período de recuperação do episódio, Hernán seguiu em direção a Itália, se inscrevendo junto ao grupo de forças de Gonzalo Fernández de Córdoba, no

entanto, os planos de Cortes foram novamente impedidos por outra enfermidade. Foi quando passou a trabalhar como escrivão, também conhecido como auxiliar de tabelião. No ano de 1504, ele se alista a uma nova expedição, desta vez uma frota partiu para o território onde hoje é o Havaí, na época chamada ilha Hispaniola, no Novo Mundo, que tinha sido recentemente descoberta pelos espanhóis. Na chegada à ilha Hispaniola, Cortés junto dos navegantes não encontram o ouro e as riquezas que esperavam, mas apenas terras passíveis para a cultura (FRAZÃO, 2020).

No entanto Hernán não desiste, em 1511 partiu em missão de conquista de Cuba, mas permanece lá como tabelião após não obter sucesso. É a partir de Cuba que suas conquistas como navegador começam em 1519. Tudo tem início em 1517, quando um colono de imenso prestígio chamado Diego Velásquez, recebeu a missão de realizar expedições para colonizar outras terras, confia inicialmente a tarefa ao comando de Hernández de Córdoba, que faz uma primeira viagem e retorna sem grandes conquistas, mas com a notícia que haviam encontrado em outra costa por acaso e que nesta havia ouros e pedras preciosas, mas que foram recebidos com flechas envenenadas. Em uma segunda expedição, Hernández de Córdoba junto de Juan de Grijalva outra vez regressa sem sucesso (LEVY, 2012).

Foi então que aos 18 dias de fevereiro de 1519, se utilizando de sua influência com o então governador de Cuba que Hernán Cortés fez sua expedição partindo de Cuba em direção a costa mexicana. A autora supracitada conta que, os relatos históricos da expedição comandada por Hernán, partiram de Cuba com centenas de marinheiros, 11 navios, todos fortemente armados com fuzis e também com arcos e flechas, preparados ainda com mantimentos e cavalos. Foi então que teve início aos períodos dos episódios mais violentos da história da América, a invasão de Cuba à costa mexicana (FRAZÃO, 2020).

Ao chegar ao litoral mexicano, Cortés encontra outras regiões no interior da América, região essa dominada por cidades que formavam a então chamada Confederação Mexica. Hernán seguiu em direção ao interior do continente, ele e os homens da expedição tinham para além do cultivo de terras, a tarefa de fazer contato com grupos indígenas para a contínua exploração do continente americano, bem como em busca de riquezas e de converter fiéis à fé católica, com o intuito de angariar súditos ao rei da Espanha, Carlos V. A jornada do conquistador então, teve início.

6 A CONQUISTA DO IMPÉRIO ASTECA

Ao adentrar ao interior do continente americano, Hernán Cortés se deparou com a região onde hoje é a Cidade do México, a região que na época era constituída por três cidades: Tenochtitlán, Texcoco e Tlacopan. Essas cidades formavam a Tríplice Aliança Asteca, dominavam aquela região desde 1428.

Figura 2 - Localização do Império Asteca
Na América Pré-Colombiana



Fonte: <https://www.coladaweb.com/historia/astecas>

Os povos astecas foram uma civilização que se desenvolveu na Mesoamérica, é uma civilização pré-colombiana e eram largamente conhecidos por terem um estilo de vida sofisticado. Esses povos se sustentavam pela agricultura, que eram atividades prósperas devido às ilhas de materiais orgânicos.

Segundo Soustelle (1972), a sociedade dos astecas era organizada no modo hierarquia, e era dividida em quatro grupos, que são de forma decrescente de poder, ou chamada também de pirâmide social: o imperador que fica ao topo da pirâmide, conhecido por Huey Tlatoani, ele era frequentemente visto na forma da representação de um deus muito importante para os astecas, o deus Tezcatlipoca; no grupo que fica abaixo do imperador ficava a nobreza, que era constituída por quem ocupava cargos na administração do império; a seguir vinham a maior parte da sociedade que eram os homens comuns, aqueles que exerciam funções diversas na sociedade, como por exemplo de comerciantes; na base da pirâmide ficavam os escravos, esse grupo era constituído por pessoas muito endividadas que realizavam trabalhos como meio de pagar suas dívidas, os escravos nessas sociedades podiam ter posses e famílias, outra parte do grupo de escravos era formado por pessoas criminosas.

Os povos astecas eram povos guerreiros, vinham de uma jornada de conquistas de território de longa data, a dominação e constituição do Império Asteca havia se estendido por uma média de 150 anos, exatamente por esse histórico de disputas por territórios, império esse que foi mantido intacto até os anos de 1519 e 1520, quando Hernán Cortés estabeleceu os primeiros contatos com a região, Cortés, que também teve seu histórico de conquista de aliados, muito mais breve que os astecas, mas que fora suficiente para a futura conquista do império (LEVY, 2012).

Segundo Léon-Portilla (2012), os contatos iniciais de Cortés, antes da conquista do império asteca, foram feitos com sociedades de idioma maia quando na ilha chamada de Cozumel, Hernán encontrou Jerónimo de Aguilar, este era espanhol como Hernán, e havia naufragado naquele ponto, logo foi convidado por Cortés a se juntar à expedição, já prevendo que Aguilar seria útil nas traduções entre espanhol e maia.

Hernán Cortés seguiu sua jornada para a próxima cidade, instituindo novas alianças nas cidades de Campeche, quando após uma batalha breve, fez acordos de paz através de seu então intérprete Aguilar. León-Portilla (2012) relata que com essa nova aliança, Cortés ganhou do rei de Campeche uma outra tradutora, que fora capaz de traduzir da língua maia para asteca. A nova intérprete era uma mulher escrava, chamada por Malintzin, em outras traduções Malinche. Tempos depois Malinche aprendeu o espanhol e se tornou tradutora de Cortés.

Com seus homens e agora com tradutores, Hernán seguiu para Cempoala, que junto de Tlaxcala formaram um par de cidades rivais de Tenochtitlán. Antes de seguir para a região central da conquista do império Asteca, Hernán ainda participou de mais uma batalha, que ficou posteriormente conhecido como o massacre de Cholula, que ocorreu devido desavenças do povo cholulanos e ordenou que seus homens matassem todos que estavam reunidos e desarmados na praça da cidade. Após tal massacre, Hernán Cortés seguiu para o México, onde encontraria Montezuma II, governador asteca na época (LÉON-PORTILLA, 2012).

Figura 3 – Encontro de Hernan cortes e Montezuma



Fonte: <https://www.sciencephoto.com/media/1194232/view/reception-of-hernan-cortes-by-montezuma-1519>

Tenochtitlán foi a cidade centro de toda a jornada da conquista do império asteca por Hernán Cortés. A cidade ficava localizada entre lagos que cobriam parte do chamado Vale do México, segundo Soustelle (1972, p. 34), Tenochtitlán “havia se transformado numa grande capital imperial e cosmopolita”, e possuía uma boa organização política e social, bem como um intenso comércio e imensas construções e templos. Apesar da grandiosidade da cidade mexicana, em cerca de dois anos seguintes,

Cortés e seu imenso apanhado de soldados, armas navais e engenharia militar, montarias e técnicas de cavalaria, acabou por derrotar os astecas o maior império da história da Mesoamérica.

Apesar de Hernán Cortés ter iniciado contatos com a América de forma amistosa, em um breve espaço de tempo, o conquistador e seus companheiros espanhóis criaram condições passíveis à uma guerra justa, justa no sentido de justificável. Pois no quesito armamento os espanhóis tinham a guerra ganha. Léon-Portilla (2012) relata que os espanhóis tinham vantagens imensas sobre os astecas, pois possuíam melhores armas e técnicas, de um lado os espanhóis possuíam espadas de aço, armaduras de metal, arcabuzes, por outro lado os astecas lutavam com lanças, arco e flecha, suas armaduras eram nada além de túnicas forradas de algodão. Os povos astecas tinham suas crenças e guerreavam sob comando de deuses, preferiam guerras com dia e hora marcados, em locais específicos que eram simbólicos, isso acabou sendo uma vantagem aos espanhóis, que podiam atacar de surpresas e realizar emboscadas (RIBEIRO *et. al*, 2018).

Uma média aproximada de 2/3 da expedição de Hernán Cortés, que na época chegou em Tenochtitlán, era composta por homens adultos, geralmente fortes e com condições essenciais para seguir a expedição em guerrilha. No entanto, ao contrário do que se pensa, ao contrário da ideia geral que é difundida, os soldados de Cortés não eram em sua maioria soldados de profissão, não haviam muitos pistoleiros, ou homens da artilharia. Há relatos de que esse grupo de pessoas mais especializadas somavam apenas 8% de toda expedição do conquistador (MUÑOZ; TOMÁS, 2021). Porém, os europeus foram auxiliados por indígenas conquistados por Cortés.

Hernán Cortés foi um grande estrategista, pois percebeu logo cedo a balança desequilibrada que existia entre os poderes na região de Tenochtitlán. O poder que os astecas detinham sobre os homens comuns era baseado em um controle tipo militar, alguns povos eram subjugados e obrigados a pagar altos impostos. Cortés usou a seu favor a insatisfação desses povos com o império asteca e ganhou aliados indígenas das regiões por onde passava (LEVY, 2012).

Os primeiros povos a se aliarem a Hernán Cortés, segundo Levy (2012) foram os totonacas, o conquistador os convenceu que o apoio aos espanhóis trazia vantagens ao não haver obrigatoriedade de pagamento dos impostos que ora eram pagos aos astecas. Com a garantia dessa aliança com os totonacas, Cortés fundou a cidade de Veracruz, onde se reunia com os indígenas aliados e partia em marcha pelo México.

O próximo povo a se aliar aos espanhóis foram os tlaxcaltecas. Com esse povo, Cortés entrou em guerra. Não foram tão simples como com os totonacas, pois os tlaxcaltecas não haviam sido conquistados pelos astecas, no entanto eram constantemente aprisionados e atacados por eles, os astecas levavam alguns tlaxcaltecas para sacrificar nos rituais religiosos. Na guerra contra os espanhóis, os tlaxcaltecas saíram derrotados e após isso se tornaram aliados dos espanhóis junto dos totonacas (LÉON-PORTILLA, 2012).

Ao entrar em Tenochtitlán, Cortés, os espanhóis e seus aliados foram recebidos de maneira amistosa pelo imperador Montezuma. No entanto, mais uma vez Cortés foi impiedoso e estratégico, em um golpe ousado, sequestrou o imperador e o manteve como refém. Com esse ato, foram autorizados a entrar na cidade. Os espanhóis ficaram admirados com tamanha grandeza da cidade e, apesar do número de habitantes, segundo os relatos, somarem cerca de 200 mil, a cidade era maior que qualquer outra cidade da Europa na época (LÉON-PORTILLA, 2012).

Após a entrada e inúmeras guerras e conflitos, a capital foi sitiada, com isso a derrota total asteca é datada do ano de 1521. Com cavalos, canhões, indígenas como aliados, armas navais e muita técnica e estratégia, os espanhóis levaram, segundo Elliott (2012), uma média de 7 meses para conseguir a capitulação completa dos astecas. Relatos afirmam ser um dos embates mais longos da história das américas.

Os estudiosos desse período e desse conflito de conquista de território, levantam inúmeras questões para a compreensão da derrota dos astecas e da conquista dos espanhóis. Dentre as discussões, destacam-se algumas explicações plausíveis a seguir

Primeiro, o fator mais falado e também mais claro da conquista por parte dos espanhóis, se deve aos fortes armamentos que eles detinham. A tecnologia militar com armas navais que superava em muito a forma que os povos indígenas dispunham. Armas de fogo como mosquetes, arcabuzes, canhões e espingardas de alto calibre. Além das armas brancas, as bestas, armas de ferro, armas de aço. Dispunham ainda de animais como cavalos e cães, que também eram usados durante os conflitos (LEVY, 2012).

Esta é uma narrativa dos espanhóis, do ponto de vista europeu e até mesmo encontrada nas Cartas de Relações que Hernán Cortés enviava à Espanha, onde dizia com autoridade “com seis escopetas, quarenta balistas e uma meia dezena de outros tiros, além de treze cavalos, consegui fazer muitos danos neles sem sofrer nada além do cansaço da luta e fome” (CORTEZ, 2011, p. 41).

Todavia, Morais (2011) nos leva a compreender por outro ângulo, quando confirma que as técnicas e o poderoso armamento espanhol só seriam uma supremacia por tempo limitado, restringindo tal poder apenas ao início dos embates. A razão para tal observação são relatos contrários aos de Cortés em suas cartas, que narram que os espanhóis possuíam na verdade poucas armas, além de terem uma usabilidade prejudicada por disparos lentos e desperdício de munições que tinham as pólvoras constantemente molhadas entre as travessias pelo oceano. Sobre os canhões, os relatos é que eram muito pesados e por isso tinham uma mobilidade muito difícil, restringindo assim sua usabilidade e por fim os cavalos só eram realmente úteis e eficazes em batalhas cujo ambiente eram abertos.

O golpe ousado e sem derramamento de sangue de Hernan Cortez talvez tenha sido o mais audacioso e surpreendente ataque nos anais da história militar. De um modo tortuoso e ardiloso, ele jogou com a confiança, a generosidade e a hospitalidade de Montezuma e o atacou como uma víbora venenosa (LEVY, 2012, p. 124).

Cortez havia conseguido ir muito longe, de forma rápido, por causa de sua grande mente e sua extraordinária capacidade de avaliar as situações e assim manobrá-la em seu favor” (ELLIOTT, 2012, p. 169). O que mostrava o que um grande líder conseguia fazer com as oportunidades que surgissem e superando os desafios durante a trajetória fazendo manobras sempre em seu benefício.

Por outras narrativas, pode-se compreender que também foi motivo e razão para a derrota dos astecas, o fato que os espanhóis levaram inúmeras doenças do chamado Velho Mundo, como a exemplo a varíola, naquela época os nativos não tinham contatos com outros povos além de seus próprios, assim não tinham imunidade para determinadas enfermidades, acabando por se tornarem pandêmicas e causando morte em uma imensa parte da população e povos indígenas (RIBEIRO *et. al*, 2018). No entanto, esta não foi uma estratégia premeditada por Cortés. Ele não

contava com a disseminação de doenças como um importante ponto de sua conquista. Em uma das cartas de relações, Cortés conta sobre como a doença matara um índio que o espanhol considerava seu amigo, de nome Magiscan. O que deixa a entender que Cortés não compreendia os benefícios em prol de sua conquista, obtidos através das doenças.

Como era um inimigo invisível para aquele povo, levou a óbito muito indígenas, e a única forma que eles tinham para tratar das doenças era através de plantas medicinais tentaram até outros meios porém nada funcionava, porém a doença se alastrava muito rápida, chegaram a pensar que aquela doença era um castigo dos deuses que eles estavam sofrendo.

Outro ponto muito levantado nas discussões foi a conquista de aliados indígenas. Tornar uma grande quantidade de indígenas como seus aliados foi um golpe muito estratégico de Hernán Cortés e uma das razões pela qual houve a derrota do império asteca. Os indígenas enxergavam nos espanhóis um meio de se libertar da submissão aos astecas, em especial os tlaxcaltecas e totonacas. Cortés foi muito estratégico e sempre relatava em suas cartas que sua intenção não era destruir a população que encontrara no caminho, ao invés de destruí-los ele queria torná-los aliados e convertê-los à fé católica europeia, dizia nas cartas “Cortez disse que não iria fazer-lhes mal algum, mas queria apenas atraí-los para nossa fé católica e para que fossem vassallos de vossas majestades” (CORTEZ, 2011, p. 20). Para a conquista dos povos indígenas era necessário comunicar a eles suas intenções, neste ponto os intérpretes indígenas aliados a Cortés foram de grande valia.

É então que entra uma peça bastante importante em sua estratégia, a negociação com alguns indígenas foi feita pela comunicação direta da interpretação através da Malinche, que aprendeu a falar espanhol e assim realizava as negociações. A importância de Malinche, segundo Morais (2011) vai além da interpretação das línguas, ela era indígena nativa e assim passava a Cortés informações sobre os comportamentos e valores indígenas, crenças e tradições. Essa foi uma vantagem para Cortés pois utilizava tais elementos a seu favor.

Porém, quando essa aliança não era aceita de forma passiva pelos indígenas, Cortés partia pra guerra. Com a mesma narrativa de que sua intenção não era destruí-los, mas ainda assim o fazia. Na segunda carta de Cortés ao rei da Espanha ele faz a seguinte afirmação “dava-me muita pena ter que matar toda aquela gente, mas não havia outra alternativa” (CORTEZ, 2011, p. 139). Nas cartas sempre deixava transparecer que alguns conflitos foram feitos depois das guerras e dos conflitos, alguns povos indígenas pareciam se convencer que seria inútil lutar contra os espanhóis, assim rendiam-se a aliança. Já outras alianças eram feitas pela vontade e procura dos próprios indígenas, alguns chefes dos grupos que tinham rancor aos mexicas procuravam por Cortés, ofereciam a ele presentes e vassalagem, nos trechos de cartas é possível encontrar os relatos, como Cortés escrevia: “disseram que queriam ser vassallos de vossa majestade e meus amigos, e que rogavam que os defendesse daquele grande senhor que os mantinha pela força e tirania e que tomava seus filhos para matar e sacrificar a seus ídolos” (CORTEZ, 2011, p. 34).

A conquista da América foi uma conquista feita tanto por micróbios quanto por homens, às vezes marchando à frente dos principais contingentes espanhóis outras vezes seguindo em sua esteira. Sobretudo nas regiões densamente povoadas, como o México central, o papel desempenhado pelas epidemias no solapamento tanto da capacidade quanto da vontade de resistir constitui uma boa

explicação para o caráter súbito e completo sucesso espanhol (ELLIOT, 2012, p. 170).

Segundo (MORAIS, 2011) os astecas estavam sofrendo um tipo corrosão, devido a sua desigualdade social, as disputas de poder a rivalidade com as tribos circunvizinhas, com tudo isso em muito ajudou os espanhóis em sua conquista.

A conquista do império asteca só aconteceu de fato em 1521, após o episódio *La noche triste*. Quando Cortés, após perder metade de seus homens, precisou reunir novos aliados e só depois retornar a Tenochtitlán. Desta vez, Hernán seguia preparado com um exército de não apenas centenas de homens, mas milhares de homens tlaxcaltecas que havia conquistado apoio. Cortés teve tempo de construir embarcações para cercar a cidade, uma vez que ela ficava no meio de um grande lago. Assim, quando cercou Tenochtitlán, sua vitória foi concluída. Fez Cuahtemoc, o novo imperador da época, de prisioneiro e iniciou a exploração e conquista dos territórios vizinhos e menores ao redor da cidade. Essa conquista foi então o que estabeleceu toda região do império asteca como o Vice-Reino da Nova Espanha, comandada e administrada por Hernán Cortés.

Hernán Cortes, ao conseguir conquista o império asteca se tonou uma figura celebre histórica pois além de leva muito ouro para a Espanha ele era um verdadeiro astuto por ter conquistado tal façanha.

Figura 4 – A conquista do México



Fonte: <https://incrivelhistoria.com.br/hernan-cortez-conquista-mexico-astecas/>

6.1 *La noche triste*

Durante a conquista de Hernán Cortés do império asteca, não apenas houveram batalhas vencidas. Algumas vezes Cortés e toda sua tropa também foram fortemente atingidos. Um desses eventos ocorreu, segundo Muñoz & Tomás (2021) em maio de 1520. No final do mês de abril no ano de 1520, Cortés recebe a notícia de que um enviado de Diego de Velázquez (governante de Cuba), um homem chamado Pánfilo de Narváez havia chegado a Veracruz com a missão de prender Hernán e levá-lo de volta a Cuba. Nos primeiros dias do mês de maio o conquistador resolve ir até

Veracruz para confrontá-lo. Neste período, que foi logo após o sequestro de Montezuma, deixou o governante sob os cuidados e posse de seus homens, no comando ficaria Pedro de Alvarado.

O grande ponto de início da rebelião foi o festival de Tóxcatl, onde a nobreza mexica fazia uma festa no Templo Maior, era uma cerimônia oferecida aos deuses, onde havia sacrifícios humanos. Todo festival e seus ritos despertaram entre os espanhóis muita preocupação, pois haviam indígenas sendo enganados e sacrificados. Neste ponto, Pedro de Alvarado enxergou motivação para iniciar um conflito, começando um grande massacre, feito com espadas e lanças que, sem distinção, matavam os corpos que estivessem à frente (MUÑOZ & TOMÁS, 2021).

No entanto, ao retornar à capital encontra toda a cidade rebelada, as forças astecas haviam se organizado na ausência do conquistador e comandante Cortés, e estavam prontos para atacar os espanhóis. Cortés convenceu Montezuma a acalmar seu povo, o episódio foi um fracasso, uma vez que os povos revoltados iniciaram um ataque com pedras, foi quando ocorreu a morte de Montezuma, segundo Muñoz & Tomás (2021) devido uma contusão em seu crânio. Todo esse conflito surpresa e rebelião dos mexicas obrigou Cortés e os espanhóis a recuarem e fugir de Tenochtitlán.

Ordenou seus homens a construírem pontes de vigas para saírem da cidade. Durante a noite ao tentarem fugir em silêncio. Seguiam na frente Cortés e seus homens, atrás Malinche e outras mulheres eram guardadas por centenas de aliados indígenas e trinta espanhóis, na retaguarda seguiam Pedro de Alvarado e Juan Velázquez, infantaria e muitos cavaleiros. Os mexicas encontraram o grupo na tentativa de fuga e cercaram todo local por onde tentavam fugir, impedindo que o grupo de Cortés pudesse avançar, permanecendo por dias na trincheira criada pelos mexicas (MUÑOZ & TOMÁS, 2021).

Em uma outra noite tentaram novamente a fuga e alguns conseguiram, todos os outros que ficaram para traz foram mortos pelos mexicas. Essa fuga dos espanhóis foi o maior desastre para o grupo de Cortés, que resultou em muitos de seus homens mortos. Relata-se em alguns documentos que pelo menos metade dos homens espanhóis foram mortos nesta retirada. A noite de 30 de junho de 1520 ficou conhecida como *La Noche Triste* (A noite triste em português). O nome dado deriva dos relatos de que Cortés, ao se dar conta de que havia perdido muitos homens, sentou-se embaixo de uma árvore e junto de Malinche, chorou a perda de seus aliados. Após esse episódio, Cortés vai em direção a cidade de Veracruz, com a intenção de se reorganizar e retomar a cidade de Tenochtitlán.

Na atual cidade de Calzada México-Tacuba, fica localizado o espaço onde há a árvore que se acredita ser a mesma árvore da noite triste. Os mexicanos preservam o local e a árvore como uma lembrança, segundo eles, de quando os mexicas derrotaram os espanhóis.

Figura 5 - A árvore de *La noche triste*



Fonte: <https://www.excelsior.com.mx/comunidad/arbol-de-la-noche-triste>

6.2 A volta para a Espanha e o declínio de Hernán Cortés

Após a vitória de Hernan Cortés com a conquista do México, em 1523, foi nomeado como governador-geral do território que agora era a Nova Espanha, pelo então rei da Espanha, Carlos V. É o período de maior triunfo e de grande consagração do conquistador. Neste período alguns fiscais são enviados ao território de Cortés. Esses fiscais eram servidores fiéis ao rei da Espanha, foram enviados para tirar renda da terra. Por esse motivo iniciou-se as desavenças, por conta da ambição de Cortés. No ano seguinte, em 1528, Hernán Cortés foi acusado de falhas nos orçamentos das rendas, os fiscais do rei o acusaram de não entregar as taxas à coroa com a regularidade que fora determinada (MORAIS, 2011).

Morais (2011) conta ainda que Cortés foi então destronado do cargo de governador-geral, marcando assim seu declínio. Com isso ele retorna à Espanha para se queixar ao rei. O rei admite que ele foi injustiçado e como reparação dá a ele terras e um novo título, o de *Marquês del Valle de Oaxaca*. Cortés retorna ao México no ano de 1530, e por lá permanece por dez anos, em uma propriedade nova. Neste período um vice-rei é nomeado para a Nova Espanha e logo Cortés entra em conflito com este. No ano de 1540 ele faz uma viagem à Espanha, para tentar negociar com o rei, no entanto não é recebido por ele, este foi o período que precedeu os anos seguintes de Hernán Cortés, marcado por pobreza e esquecimento, não retornou ao México, e morreu no ano de 1547 em uma cidade afastada, perto de Sevilha, na Espanha.

7 CONCLUSÃO

Durante toda a explanação deste trabalho, onde foi abordado a temática da Conquista do México através de Hernán Cortés, algumas conclusões podem ser citadas, a partir da retomada de alguns pontos mais importantes. Como conclusão dos objetivos a que se destinava este trabalho, apontam-se a seguir as principais contribuições analíticas.

Primeiro foi concluído que em 1519 as expedições rumo ao México tiveram início, no entanto, apenas em 1521 Hernán Cortés concluiu sua vitória. Ele recebeu inúmeros títulos e logo garantiu privilégios idênticos aos filhos do rei. Algumas festas levam o nome de Hernán Cortés e missas foram celebradas em sua homenagem. É possível compreender ainda que a conquista do México, na época chamado de Tenochtitlán, se apresentou como um choque de culturas, de dois continentes, o que proporcionou um grande exercício de alteridade e conhecimento do outro, uma vez que as culturas eram muito diversas. Assim o que se chamou de Novo Mundo surgiu.

O que permitiu que os espanhóis ganhassem as batalhas, foi uma série de fatores. Que podem ser resumidos em: armas espanholas de grande eficácia com as armas dos mexicas que se resumiam a aros e flechas, somadas as alianças de alguns povos nativos que Cortés conseguiu convencer pelo caminho. No entanto, não foi uma conquista limpa para nenhum dos dois lados, muito sangue foi derramado, dos dois lados. Alguns autores ressaltam que os povos que se aliaram aos espanhóis cometeram atos contra seus próprios conterrâneos, no entanto, o que os fez se aliar aos espanhóis foi o rancor pelos atos do império asteca contra eles. Alguns autores confabulam ainda que a chegada de Hernán Cortés e dos espanhóis foi uma solução vinda de fora do continente para as inconformações entre os próprios povos mexicas. É possível a compreensão de que todas as razões pelas quais a conquista do império asteca poderia se justificar, as epidemias de enfermidades, em especial da varíola, foi a única razão que auxiliou nesta conquista, que não fora articulada de forma intencional.

Há de se compreender que dentro de um evento de tamanha magnitude não há apenas um lado da história, os europeus sempre tendem a contar como uma conquista, inclusive por conta de toda inteligência, disciplina, criatividade e comportamento estratégico de Hernán Cortés, ele foi intitulado como O conquistador. No entanto, muitos historiadores mexicanos contam outras versões deste evento, contam versões a seu favor, desenhando o povo mexica como aqueles que não se entregavam fácil, que lutavam por suas terras, e que também foram vitoriosos em muitos pontos dessa batalha que durou meses. Por fim, os relatos contam que após a chegada de Cortés em terras mexicas, em 1519, foi apenas em 13 de agosto de 1521 que sua conquista do território do império asteca foi concluída. 1523 foi nomeado governador-geral da Nova Espanha, mas encerra-se aí seu período de glória.

Em seguida Cortés segue em uma sucessão de erros e conflitos, com idas e vindas do México à Espanha, até chegar o ano de 1540, quando, devido seus conflitos constantes, não foi mais recebido pelo rei da Espanha, foi esquecido e morreu em 1547, com um grande detalhe, marcado pela pobreza. Conclui-se que sua ganancia não permitiu que se contentasse com o que lhe fora dado, sempre em busca de mais terras e nome, Hernán Cortés acabou por não ser mais ouvido e caiu no esquecimento.

REFERÊNCIAS

- CALDIN, C. F. A função social da leitura da literatura infantil. **Rev. eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, n.15, P.1-13, 2003. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=14701505>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- CHAVES, Luciana A. *História das Américas I. Sobral: INTA, 2016. E-book.*
- CORTES, H. **A conquista do México**. Porto Alegre: L&PM, 2011. Disponível em: <https://md.uninta.edu.br/geral/historia-das-americas-i/pdf/Historia-das-Americas-I.pdf>. Acesso em 24 fev. 2022.
- ELLIOTT, J. H. A conquista espanhola e a colonização da América. In: BETHELL, Leslie (Org.). **História da América Latina: A América Latina colonial**. 2. ed. v. 1, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. p. 135-194.
- FRAZÃO, Dilva. **Hernán Cortéz: conquistador espanhol**. Ebiografias. Disponível em: https://www.ebiografia.com/hernan_cortez/. Acesso em: 22 fev. 2022. <http://dx.doi.org/10.15536/thema.15.2018.186-196.772> . Acesso em: 23 fev. 2022.
- LÉON-PORTILHA, Miguel. In: BETHELL, Leslie (Org.). **História da América Latina: A América Latina colonial**. 2. ed. v. 1, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. p. 25-62.
- LEVY, B. **Conquistador: Hernán Cortés, Montezuma e a epopeia da resistência asteca**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- LIMA, T. As crônicas de índias e os primeiros relatos da conquista do *tawantinsuyu*. **Revista Crítica Histórica**, v. 5, n. 9, p.245-269, 2014.
- MORAIS, M. V. **Hernán Cortez: civilizador ou genocida?** São Paulo: Contexto, 2011.
- MUÑOZ, Karen Valeria Alcántara; TOMÁS, Isauro Chávez. **La gran victoria mexica & la noche triste del conquistador**. INPI: México, 2021. *E-book*.
- OURIQUES, J. L. P. **Panorama de Literatura Espanhola**. Ministério da Educação, 2010. *E-book*. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/17136/Curso_Let-Port-Lit_Panorama-Literatura-Espanhola.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 24 fev. 2022.
- PORTUGAL, A. R. **Confluência cultural nas Crônicas das Índias**. UNESP: São Paulo, 2015.
- RIBEIRO, Alexandra F. M. et.al. As Razões da Conquista de Tenochtitlán (1519-1521) Contidas na Narrativa de Hernan Cortez. **Revista Thema**, v.15, n.1, p. 186-196, 2018 Disponível em:
- SOUSTELLE, J. **Os Astecas**. São Paulo: DIFEL, 1972.

Ferreira Martins Ribeiro, A., Dias de Barros Jankowsk, J. C., Iansen Rodrigues, V., & Mocelim de Souza Lima, A. (2018). As razões da conquista de Tenochtitlán (1519-1521) contidas na narrativa de Hernan Cortez. *Revista Thema*, 15(1), 186–196. <https://doi.org/10.15536/thema.15.2018.186-196.772> acesso em Acesso em 24 fev. 2022.

SOUZA, G. Q. **A mentalidade de cruzada na conquista de México-Tenochtitlán (1519-1521)**. 190f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, 2010.

Figura 1 - https://www.ebiografia.com/hernan_cortez/

Figura 2 - <https://www.coladaweb.com/historia/astecas>

Figura 3 - <https://www.sciencephoto.com/media/1194232/view/reception-of-hernan-cortes-by-montezuma-1519>

Figura 4 - <https://incrivelhistoria.com.br/hernan-cortez-conquista-mexico-astecas/>

Figura 5 - <https://www.excelsior.com.mx/comunidad/arbol-de-la-noche-triste>

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos agradeço a Deus por ter me proporcionado força vontade saúde sabedoria paciência e persistência diante de tantas dificuldades e ter mostrado que tudo tem um propósito.

A minha mãe e meu pai e a todos da minha família por terem me ajudado muito durante essa longa jornada.

A minha avó materna que cuidou de mim por muito tempo sempre estava ao meu lado minha maior incentivadora a mulher que ensinou e educou a ela dedico todo meu amor e carinho.

Ao meu grande orientador Alessandro Giordano que foi extremamente paciente e atencioso durante todo o processo me auxiliando e mostrando todos os passos a serem seguidos para se atingir um bom trabalho.

A minha grande esposa que esteve sempre ao meu lado incentivando e por todo o trabalho psicológico durante toda essa trajetória.